

O MITO COSMOGÔNICO DA WICCA EM STARHAWK: UMA ANÁLISE DA NARRATIVA DE CRIAÇÃO FEITA A PARTIR DO SAGRADO FEMININO

Data de submissão: 08/06/2023

Data de aceite: 03/08/2023

Lídia Maria da Costa Valle

Mestra no Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião pela Universidade do Estado do Pará – PPGCR/UEPA. Belém – Pará
<http://lattes.cnpq.br/7723411269976310>

RESUMO: Este trabalho visa analisar o mito cosmogônico da religião wicca, presente na obra de Starhawk intitulada Dança Cós mica das Feiticeiras, o qual narra a criação do Cosmo a partir de um princípio feminino. O objetivo dessa análise é compreender como o divino feminino foi resgatado nessa narrativa contemporânea, a partir da releitura de mitos antigos em busca dos possíveis elementos femininos ditos “segregados” e “distorcidos” pelo patriarcado. A análise desse texto narrativo será realizada com base em obras de Joseph Campbell, Mircea Eliade, Rosalira Oliveira e Edward C. Whitmont. A partir dos dados analisados, pode-se constatar que o feminino foi “camuflado” ou retirado das narrativas de criação devido às questões sociais, especialmente de gênero, das épocas onde as mudanças de orientação para o divino ocorreram. Conclui-se que a atual busca

do divino feminino reflete uma mudança de mentalidade na contemporaneidade e a necessidade de novas orientações para o sagrado. De modo que, a produção de sentido através dessa narrativa muda o capital simbólico que é dado à natureza, a si mesmo e a forma como as pessoas se auto compreendem como indivíduos em interação com o sagrado.

PALAVRAS-CHAVE: Wicca, Sagrado Feminino, Cosmogonia.

THE WICCAN COSMOGONIC MYTH IN STARHAWK: AN ANALYSIS OF THE GENESIS NARRATIVE MADE FROM SACRED FEMININE

ABSTRACT: This work aims to analyze the cosmogonic myth of the Wiccan religion, present in Starhawk’s book entitled “The Spiral Dance: A Rebirth of the Ancient Religion of the Great Goddess”, which narrates the creation of the Cosmos from a feminine principle. This analysis intends to understand how the divine feminine was redeemed in this contemporary narrative, based on the rereading of ancient myths in search of female elements that was possibly “segregated” and “distorted” by patriarchy. The analysis of this narrative text

will be based on works of Joseph Campbell, Mircea Eliade, Rosalira Oliveira and Edward C. Whitmont. Based on the data analyzed, it can be seen that the feminine was “camouflaged” or removed from genesis narratives due to social issues, especially gender ones, happened at those times when orientation towards the divine has changed. It is concluded that the current demand for the divine feminine reflects a change of mentality in contemporary times and the need for new guidelines for the sacred. So, the sense created through this narrative changes the people symbolic concept of nature, also changes the meaning that is given to him/herself as individuals and the way people understand themselves in interaction with the divine.

KEYWORDS: Wicca, Sacred Feminine, Cosmogony.

INTRODUÇÃO

Existem várias versões de mitos de criação em diferentes vertentes da Wicca, pois o divino feminino sofreu várias transformações ao longo da própria história dessa religião. Gerald Gardner é tido como precursor dela e na tradição que criou na Inglaterra, em 1950, o feminino era contraparte do masculino, tinham tido a mesma origem e deveriam ser cultuados em igual proporção – sendo que um *coven*¹ nunca poderia ser formado sem homens ou sem mulheres. A religião wicca se expandiu, chegando aos Estados Unidos por volta da década de 60 e 70 e ao Brasil por volta de 1980 e 1990, influenciada pelo movimento da contracultura da época (BEZERRA, 2017, p. 50). Nesse processo a religião sofreu várias modificações internas com a criação de novas tradições pelas Américas, muitas vezes baseada na cultura regional (fragmentos religiosos nativos pré-cristãos desses povos) agregado à estrutura básica da wicca de Gardner.

As tradições diânicas, cuja precursora foi Zsuzsanna Budapest, e a tradição das Fadas – da qual Starhawk faz parte – são exemplos, foram desenvolvidas nos E.U.A. e ambas chegaram até o Brasil. O diferencial dessas correntes da wicca é o fato de o feminino ser tido como criador primordial, pois estas foram diretamente inspiradas pelo movimento feminista e por novos estudos arqueológicos sobre as culturas neolíticas (BEZERRA, 2017, p. 52). As narrativas destas várias tradições wiccanas, posteriormente publicadas em seus livros, fazem parte do desenvolvimento de um trabalho sacerdotal de seus participantes, como líderes de *covens* ou *elder*s² da referida tradição, e foram transmitidas oralmente.

Nota-se, contudo, pelos argumentos usados nas obras dos praticantes, que essas narrativas se desenvolveram a partir da leitura de mitos antigos e de sua reinterpretação, fortemente baseadas nas teorias acadêmicas do século passado, que afirmavam ter havido um processo de *patriarcalização*³ na religião da Antiga Europa (região mediterrânea). A ascensão do patriarcado teria ocorrido, segundo as teorias, através de invasões feitas por sociedades nômades, já de inclinação patriarcal bem desenvolvida, a povos de inclinação religiosa agrícola ematrilínea, onde os primeiros impuseram sua religiosidade aos povos

1 Grupo, de até 13 pessoas, formado por praticantes da religião com finalidade de culto e prática da wicca.

2 Líderes de uma tradição da wicca, formada por vários *covens*.

3 Teoria defendida por vários estudiosos como a arqueóloga Marija Gimbutas e a socióloga Riane Eisler.

conquistados e registraram os mitos matrilineares desses povos segundo sua crença.

Essas teorias, voltadas às narrativas míticas, foram popularizadas, principalmente, por autores como Joseph Campbell, Mircea Eliade e Marija Gimbutas, os quais afirmam que, nesse processo, a imagem da antiga Deusa paleolítica foi gradativamente suprimida e, posteriormente, nas civilizações politeístas, as divindades femininas foram perdendo seu papel de destaque em relação às divindades masculinas. Essa descaracterização do feminino alargou-se de escala de modo à, segundo esses autores, chegar a sofrer uma posterior supressão completa do caráter feminino do divino primordial.

O movimento wiccano, desde seu aparecimento na década de 50, já se constitui principalmente em resgatar esse feminino reescrito e dito *camuflado*, na tentativa de trazer a tona esse caráter do divino feminino criador, defendido por muitos estudiosos. A teoria sobre mitos de Lévi-Strauss será base para a análise de como os *mitemas femininos* – assim chamados no presente trabalho – dessas antigas narrativas são encontrados nas bases estruturais de vários mitos cosmogônicos e como estes (*mitemas*) foram reestruturados no mito de criação publicado por Starhawk, onde a Deusa cria o Deus a partir de seu reflexo (Myria) e os dois criam, juntos, o universo.

UM MITO DE CRIAÇÃO WICCANO

Eis a narrativa cosmogônica desenvolvida pela tradição das Fadas:

Solitária, majestosa, plena em si Mesma, a Deusa, Ela, cujo nome não pode ser dito, flutuava no abismo da escuridão, antes do início de todas as coisas. E quando Ela mirou o espelho curvo do espaço negro, Ela viu com a sua luz o seu reflexo radiante e apaixonou-se por ele. Ela induziu-o a se expandir devido ao seu poder e fez amor consigo mesma e chamou Ela de “Miria, a Magnjica”.

O seu êxtase irrompeu na única canção de tudo que é, foi ou será, e com a canção surgiu o movimento, ondas que jorravam para fora e se transformaram em todas as esferas e círculos dos mundos. A Deusa encheu-se de amor, que crescia, e deu à luz uma chuva de espíritos luminosos que ocuparam os mundos e tornaram-se todos os seres.

Mas, naquele grande movimento, Miria foi levada embora, e enquanto Ela saía da Deusa, tornava-se mais masculina. Primeiro, Ela tornou-se o Deus Azul, o bondoso e risonho deus do amor. Então, transformou-se no Verde, coberto de vinhas, enraizado na terra, o espírito de todas as coisas que crescem. Por fim, tornou-se o Deus da Força, o Caçador, cujo rosto é o sol vermelho mas, no entanto, escuro como a morte. Mas o desejo sempre o devolve à Deusa, de modo que ele a Ela circula eternamente, buscando retornar em amor.

Tudo começou em amor; tudo busca retornar em amor. O amor é a lei, mestre da sabedoria e o grande revelador dos mistérios. (STARHAWK, 1993, p. 33)

Essa narrativa mítica faz parte da narrativa oral da *Tradição das Fadas da Feitiçaria* a qual a wiccaniana Starhawk faz parte. Ela publicou esse texto em seu livro *Dança Cósmica das Feiticeiras* em 1989, com tradução para português e publicação no Brasil

em 1993. Nota-se que a Deusa primordial citada nesse mitotinha atributos, ao mesmo tempo, de *rainha do céu* e do meio aquático. A autora afirma que o nome Miria tem ligação etimológica com nomes de outras deidades com mesmo prefixo e significam oceano, mar e afins. Starhawk declara que esse termo tem um capital simbólico ligado à criação celeste e nascimento de outros deuses em um panorama oceânico e de sexualidade. Para os wiccanianos a Deusa criadora é o próprio oceano primordial ou as águas primordiais do espaço *vazio* (antes da criação – nesse caso, do parto – do cosmo).

A própria autora de *A Dança Cósmica das Feiticeiras* smiúça o mito em sua obra, no intuito de esclarecer ao praticante o significado da narrativa apresentada. Starhawk alega que “no princípio, a Deusa é Tudo, virgem, significando completa em si mesma” (STARHAWK, 1993, p. 39). Ela afirma no livro que apesar de ser chamada de Deusa, não existe um gênero bem definido a princípio. Não há separação, nem divisão, apenas a unidade primeira, onde ambos são um só. No entanto, a natureza da cosmogonia é destacada como processo de nascimento. Segundo a crença dessa religião, o universo foi *parido* (nasceu) e não, *feito*, ordenado ou moldado. Surge, então, a ideia de polarização, onde o princípio feminino teve que dar à luz ao masculino, para que sua metade fosse seu consorte e fertilizador, nesse processo de *separação* e criação.

Para Starhawk (1993, p. 41-42), vários estágios dessa polarização são cumpridos com significados implícitos ligados aos ciclos da natureza. Em linhas gerais o mito reflete: a criação do masculino a partir do feminino; criação a partir de um ato sexual; os vários estágios de desenvolvimento do Deus acompanham o restante da criação e da vida biológica na Terra e, por fim, o Cosmo sempre se renova no movimento de retorno do Deus ao encontro e ao ventre da Deusa. O movimento de afastamento e retorno segue eternamente, revelando o ciclo das estações do ano. A existência é mantida, portanto, pela pulsação entre duas forças em perfeito equilíbrio.

Nota-se como esse mito é encarado como o gerador das estações e mudanças nos ciclos da natureza, um eco das narrativas míticas de antigas civilizações, como gregos, egípcios, romanos, germânicos, entre outros, que compunham o mesmo simbolismo, no qual a explicação para as mudanças nos ciclos da lua, do sol, das marés e da colheita eram a manifestação material de dinâmicas divinas contidas nesses mitos. O discurso wiccano se assenta na figura dos *casais sagrados*⁴ dos diversos mitos politeístas, atestada pela presença de várias deusas e deuses nessas narrativas.

AS IMAGENS DO DIVINO FEMININO CRIADOR

Trabalhos de arqueólogos e mitólogos, do século XX, têm defendido a ideia que no período paleolítico a visão da natureza era feminina. Várias estátuas de corpos femininos, com ventres, seios e vulva avantajados, foram encontradas por toda Europa e África. Sua

⁴ Termo ênico desenvolvido na wicca referente aos casais divinos do antigo politeísmo como: Gaia e Urano, Hera e Zeus, Nut e Geb, Ísis e Osíris, Frigga e Odin, entre outros.

posição em sepulturas, entre outros usos simbólicos, fazem os pesquisadores acreditarem ainda mais na idéia de que essas estátuas, chamadas *Vênus Paleolíticas*, não eram apenas uma criação artística erótica ou prática descompromissada, mas sim podem mostrar indícios de que a primeira representação de divindade criadora, muito provavelmente teria sido feminina – de uma Deusa mãe de tudo.

Algumas dessas imagens datam de 30.000 anos atrás. Tradicionalmente vistas como ligadas a algum culto antigo de fertilidade, elas foram reinterpretadas por Marija Gimbutas como representações dos poderes do mundo geradores da vida, precursoras muito antigas da Grande-Mãe que ainda será reverenciada em épocas históricas. (OLIVEIRA, 2005, p. 3)

Cientistas como Eliade e Campbell publicaram em suas obras que a Terra gerava o alimento consumido pelo ser humano como uma grande mãe generosa parindo seus filhos, logo a comparação espiritual da fertilidade do corpo da mulher com a fertilidade da terra foi à conexão mais imediata desses primeiros povos humanos. Nas palavras de Joseph Campbell:

Bem, isso estava associado, primordialmente, à agricultura e às sociedades agrárias. Tinha a ver com a terra. A mulher dá à luz, assim como da terra se originam as plantas. A mãe alimenta, como o fazem as plantas. Assim, a magia da mãe e a magia da terra são a mesma coisa. (CAMPBELL, 1990, p. 177)

Essa associação intensificou-se no período Neolítico, conhecido pela *revolução da agricultura*, como afirma Rosalira Oliveira, “o Neolítico é considerado um momento de grande prestígio do feminino, fato atestado pelo impressionante número de esculturas, gravuras e outras imagens representando imponentes personagens femininos, cujo poder e natureza divina se afirmam nitidamente” (OLIVEIRA, 2005, p. 03).

As publicações desse período que discorriam sobre essa *religião da Antiga Europa* – como ficou conhecida – de um culto a terra e ao sagrado feminino, principalmente na região do mediterrâneo e do Egeu, alegavam que esses povos agrários tinham narrativas mitológicas de tendência feminina, pois conheciam a fertilidade da terra e cultuavam seus ciclos. Como explica Joseph Campbell (2015, p. 33-42), a manifestação mais simples da Deusa nas primeiras tradições agrárias do neolítico é como Mãe-Terra. Nas zonas tropicais e equatoriais, de bastante fertilidade da natureza, o divino feminino era tido com mais evidência. Os povos nômades, por outro lado, tinham inclinações mais masculinas em seus mitos e cultos, pois a garantia da sobrevivência estava mais associada ao papel do homem no povoado, com o pastoreio e caça de animais maiores. Porém, mesmo no período anterior a revolução da agricultura, quando os grupos humanos eram mais caçadores e coletores - paleolítico, a ligação do feminino com a natureza era presente, atestado pela datação de estátuas das Vênus já encontradas em 25.000 a.C. O homem trazia a caça para o povoado, mas a mulher era a ponte espiritual entre o animal e o caçador. Ela fazia o *contrato* com a caça e a fazia se aproximar, permitindo que o homem a matasse.

Joseph Campbell (2015) explica, através de imagens rupestres encontradas, a significação de rituais de caçadores aos quais as mulheres participam:

Na arte rupestre do norte da África, encontramos uma figura muito marcante de uma mulher exatamente na mesma posição relatada no rito dos pigmeus, com um cordão umbilical que sai de seu corpo e a conecta ao umbigo de um guerreiro armado com arco e flecha e atirando num avestruz. Em outras palavras, é o poder dela que o está apoiando, o poder da Mãe Natureza [...] (ibid, p. 35)

O poder natural vinculado a ela, ou seja, de gerir vida do seu ventre, a ligava ao da própria Mãe natureza e lhe fazia ter o atributo de mediadora entre a vida e a morte. Para os povos desse período, tudo que morre renasce pelo ventre da Mãe-Terra, assim o seria em relação ao poder feminino. Portanto, segundo Campbell, como guardiã da vida espiritual dos seres, a mulher simbolizava a promessa de renascimento da caça que se dava ao abate devido seu chamado (ibid, p. 44).

Mircea Eliade, em *Sagrado e Profano*, destina um capítulo da obra para explicitar os símbolos e significados do feminino divino, na relação direta entre a sacralidade da Terra, da lua, das águas e da mulher e seus ciclos, presente no que ele chama de *religiões primitivas*. Eliade (1992) analisou essas religiões primitivas que ele afirmou terem uma Terra-Mater como divindade. “É a Terra-Mater ou a Tellus Mater bem conhecida das religiões mediterrânicas, que dá nascimento a todos os seres” (ELIADE, 1992, p. 148). O historiador das religiões definiu como religiões autóctones, as quais as pessoas sentem-se pertencentes ao lugar, que liga a ideia de Raça ao solo que se vive e, nesse simbolismo, a Mãe-telúrica seria a divindade principal.

Uma linha evolutiva foi traçada por esses autores, na qual cada civilização, posteriormente, de diversas faixas do continente europeu e de outros continentes, foi desenvolvendo o culto à seu panteão. Vários Deuses e seus mitos explicavam as transformações da natureza, como as estações, as colheitas e muitos outros fenômenos naturais, com imagens femininas e masculinas representando o cerne das transformações sazonais, o crescimento das plantas e dos animais. Assim como criação de uma nova vida humana ocorria pelo ato sexual entre homem e mulher, a imagem de muitas deusas e deuses era cultuada como casais sagrados geradores de outros Deuses e de partes do cosmos.

Contudo houve, ao longo da história, o que Joseph Campbell denomina *difamação mitológica*, que deram origem aos mitos tardios, que segundo o autor se deu principalmente pela invasão indo-europeia por volta de 3500 a. C (2015, p. 76) e pela entrada dos acádios e outras tribos semitas pelo sul da Mesopotâmia (ibid, p. 91). Campbell se apóia nos estudos dos arqueólogos Arthur Evans, que escavou o palácio de Cnossos na ilha de Creta, e Marija Gimbutas que demarcou “o influxo dos indo-europeus vindos do norte e chegando às sociedades agrícolas do Neolítico, chamadas por ela de Europa Antiga” (ibid, p. 91).

Os mitos tardios, segundo ele, são versões das mitologias mais ancestrais, transformadas por esses povos invasores no período das guerras, as quais tinham a supervalorização do guerreiro e das forças masculinas, tendo a imagem de seus deuses masculinos em destaque e como criadores maiores do cosmo. Depois das invasões a imagem das deusas, ainda um vestígio mitológico da antiga Deusa paleolítica, foi enfraquecida perante aos novos criadores.

Para Campbell (1990), analisar as dinâmicas das narrativas míticas é um registro de uma época histórica. Dessa forma, ele defende que várias narrativas onde se encontra um deus solar civilizador, que assassina alguma criatura mítica lunar e terrena no ato da criação, simboliza a invasão dos povos patriarcais e a inversão do simbolismo da Deusa. Marduk é um exemplo, um deus solar que destrói o dragão Tiamat, que representa o caos da criação, tida anteriormente, segundo o mitólogo, como a imagem de uma Deusa primordial. Na versão tardia, Marduk cria o universo a partir dos pedaços do corpo de Tiamat, no momento em que ele a parte ao meio. Ele é tido, nesse momento, como *criador* (organizador/civilizador), porém o universo é formado pelo corpo da Deusa, restando uma herança do simbolismo antigo. Na perspectiva de Campbell:

Pois bem, nas velhas mitologias da Deusa, a deusa mãe, ela própria, já é o universo, de modo que a grande proeza criativa de Marduk se constituiu num ato de suprema revogação. Ele não tinha necessidade de cortá-la em pedaços, nem de construir o universo a partir dela, porque ela já era o universo. Mas o mito de orientação masculina se impõe, e *ele* se torna, aparentemente, o criador. (CAMPBELL, 1990, p. 180)

Esse mito de Marduk e Tiamat simboliza, também, na abordagem de Rosalira Oliveira (2005), a derrota da criação selvagem representada por uma Deusa para uma nova criação a partir de um Deus civilizador. Esse padrão ainda se encontra na luta de Apolo com a serpente Píton entre os gregos; de Javé contra o Leviatã entre os hebreus, de Zeus contra Tifon e Rá com Apep, nas palavras de Rosalira:

Zeus era o inimigo do caos, o herói que defende os deuses contra a revolta selvagem identificada com as mulheres. Com sua vitória sobre Tifon ele assegurou o predomínio dos deuses patriarcais do Olimpo sobre a prole da Grande Deusa-Mãe, os primitivos Titãs. (OLIVEIRA, 2005, p. 6)

Outro exemplo de mudanças mitológicas que refletiram uma mudança social foi a inserção de Deuses pela invasão indo-européia aos territórios gregos, como a figura do próprio Zeus. Segundo Jamake Higwhater (1992, p. 36) e Rosalira Oliveira (2005, p. 2), o Deus do trovão foi trazido pelos iônios, acádicos e os dórios, reestruturando os mitos dos povos da antiga Grécia (antes de 2.500 a.C), fundindo as narrativas e colocando as deusas gregas em segundo plano. Pois os invasores “trouxeram consigo uma nova ordem social dominada pelos homens e por deuses masculinos que se reflete no panorama mitológico e religioso” (ibid, p. 5).

Segundo esses autores, Zeus foi incorporado como consorte de várias outras

deusas, de modo a se tornar pai de vários deuses da geração seguinte e, posteriormente, se transformou no Deus dos deuses, *tomando* quase todo o mérito da criação pra si. Essas análises alegam que nas versões mais antigas do mediterrâneo, Hera e a outras futuras consortes de Zeus deram à luz a seus filhos através da *paternogênese*⁵, que se trata da crença de que uma divindade feminina poderia ter filhos apenas pelo seu poder, sem a presença de um fertilizador masculino.

As versões da mitologia grega, que se tem acesso até hoje, mostram como a vontade de Zeus, após sua inserção no panteão, virou determinante em quase todos os outros fragmentos mitológicos que envolvam a ação/criação de outras divindades. Porém a convivência com as deusas do povo invadido não se deu de forma pacífica. A mitologia reflete, para Rosalira (2005), muito provavelmente, uma realidade histórica, que afirma:

O tema da revolta das mulheres é recorrente nesta mitologia. Seja na representação das deusas, onde aparece, por exemplo, nas atitudes vingativas de Hera – uma Grande Mãe reduzida ao papel de consorte do Deus; na recusa de Deméter – a Senhora dos Grãos – de permitir que a Terra produza até que sua filha Ihe seja devolvida ou, ainda, no total desrespeito de Afrodite – a Deusa asiática da fertilidade – às convenções do casamento patriarcal (ibid, p. 6-7).

Essa fusão/deturpação, nas palavras de Jamake Highwater (1992), *uma conspiração mitológica*, teve continuidade até o apogeu das religiões monoteístas, ou seja, até haver uma total supressão dessas divindades femininas e o culto a um único Deus masculino criador. Contudo, o próprio Jeová dos cristãos era primordialmente um deus de guerra, cultuado em meio a um panteão repleto de deuses do povo hebreu mais *primitivo* e tinha uma consorte: a Deusa Asherah que, segundo Rosalira (2005), foi posteriormente camuflada na imagem Shekna. Ela afirma:

[...] em Canaã era conhecida como Astherah ou Ishtar. Ainda que fosse evocada por diferentes nomes, em todos os lugares representava o princípio criador e simbolizava a unidade essencial de toda a vida na Terra. Seu culto foi destruído e, paulatinamente, substituído. Primeiro pelos deuses guerreiros e depois pelo monopólio de um Deus único. (ibid, p. 2)

Angélica Thomaz (2018) desenvolveu um trabalho sobre a deusa Asherá, onde confirma que Israel nem sempre foi monoteísta e antes do século IX a. C. havia um panteão israelita de vários Deuses, inclusive com deidades femininas. Afirma que Deusas como Inana, Ishtar, Anate, Asherah ainda possuíam culto mesmo no período de desenvolvimento do monoteísmo javista, “sendo a própria Asherah consorte de Javé” (THOMAZ, 2018, p. 60). Segundo essa pesquisadora, as características de fertilidade, maternidade e de controle dos meios naturais, dessas Deusas, foram gradativamente incorporadas à Javé, que se tonou o único Deus assexuado. Esse processo trouxe grandes impactos para a

5 Segundo as teorias apontadas neste trabalho, a *paternogênese* é, muito provavelmente, uma herança da visão paleo-olítica de mãe criadora, pelos indícios das estátuas das Vênus, momento em que o papel do homem como germinador de uma mulher era desconhecido.

mentalidade religiosa e social do Ocidente, como a dessacralização da sexualidade e do corpo feminino.

Eliade ainda acrescenta que “a sacralidade da mulher depende da sacralidade da Terra” (ELIADE, 1992, p. 153) e o modelo cósmico para a fertilidade feminina é a Mãe Universal. Desse modo, entende-se que em uma sociedade onde a Terra deixa de ser divina, passa a ser apenas um recurso natural a ser explorado e as divindades telúricas são desacreditadas, ou seja, apenas os Deuses celestes são dignos de culto, a mulher inevitavelmente perde sua valorização social. Essas teorias acadêmicas já foram alvos de bastantes críticas posteriormente, todavia, eles foram matéria prima para os as narrativas míticas da bruxaria moderna, em especial da religião wicca.

BUSCA DOS MITEMAS FEMININOS NO NEOPAGANISMO

Para Claude Lévi-Strauss (1985), a narrativa mítica de veria ser compreendido como algo que está na linguagem, mas também está para além dela. Antes de ser a tentativa de explicação de fenômenos da natureza, a divinização de personagens históricas, legitimação de papéis sociais ou a representação de sentimentos recalcados, para o antropólogo francês, o mito deveria ser compreendido na sua base constitutiva, pois ele é *língua e palavra*, no sentido que a língua tem caráter reversível e a palavra é irreversível, ou seja, um sistema temporal com estruturas permanentes.

Para Lévi-Strauss, a mitologia poderia ser analisada tanto pelo viés *histórico e não-histórico*, todavia, sua estrutura tinha um “terceiro nível, o mesmo caráter de objeto absoluto” (STRAUSS, 1985, p. 241). Essa terceira faceta da linguagem mítica, o francês chamou de *mitema*, a unidade constitutiva e estrutural básica de um mito. Ele afirmou que diferente de um fonema, morfema, ou semantemas, os *mitemas* “se situam em um nível mais elevado”, pois “cada grande unidade constitutiva tem a natureza de uma *relação*” (ibid, p. 243). Essas relações são permanentes e refletem a formação da cultura humana, como um inconsciente coletivo, ou seja, um caminho cognitivo comum de formação e dinâmica cultural.

Os *mitemas* são como temas fundamentais que se repetem e se manifestam por trás do mesmo feixe de relações. No caso dos *mitemas femininos*, estes foram definidos na contemporaneidade a partir das teorias acadêmicas debatidas no item anterior. São eles, principalmente: a Mãe-terra, a imagem de uma Deusa celeste (ou consorte) ligada às águas da criação (oceano ou caos primordial), símbolos lunares, de vegetação, plantio/colheita (fertilidade), serpentes ou dragões (animais lunares), símbolos sexuais, entre outros. Esses temas fundamentais são encontrados em quase todas as narrativas das antigas civilizações politeístas. As narrativas neopagãs, como da wicca, se apropriaram das teorias acadêmicas que discutem esse feixe de relações e pode constituir seu mito cosmogônico próprio e atual, como no caso da narrativa apresentada na obra de Starhawk.

Nessa religião, o primeiro impulso criador é uterino e os *mitemas femininos* que atestam isso são: a narrativa grega em que Gaia criou/pariu Urano; Neit era mãe de Rá, mesmo tido como Deus solar criador do Egito, na versão de Heliópolis, se encontram citações de sua mãe primordial Neit; o mar primordial Nunde de onde os outros Deuses egípcios nasceram; a flor de lótus de onde nasce o Deus egípcio Sol (versão de Hermópolis)⁶; dentre muitos outros exemplos, são encontrados os *mitemas femininos* de criação (mãe-terra, águas (oceano), flor (vegetação), animais silvestres, etc.).

Apesar de o termo Nun, usado no mito egípcio de Hermópolis, ser referido, na maior parte da literatura, apenas como um oceano de onde nasceu Atum, o primeiro Deus egípcio da criação, as adaptações contemporâneas, desenvolvidas pelos adeptos, afirmam que a imagem da Deusa está presente, mesmo sem referência direta a Ela. Pode-se deduzir que a presença do *mitema feminino*, que se refere às águas primordiais da criação como um princípio uterino, já permitiu que a wicca fizesse a relação imediata de Nun com a Deusa criadora. Nas palavras de Laurie Cabot, adepta da bruxaria moderna e escritora norte-americana, “um mito sumério explica como a Deusa do Mar, Nammu, chamada “mãe, a ancestral”, deu à luz aos deuses” (CABOT, 1992, p. 24-25). Nessa perspectiva, Nun seria, então, o mesmo radical lingüístico que significava Mãe, assim como Nammu (correspondente a Tiamat babilônica), que expressa às águas férteis de onde surge a vida. Desse modo, o oceano egípcio Nun seria o mesmo *mitema* referente à Deusa sumeriana também ligada ao mar e a criação.

Segundo discursos dos pagãos contemporâneos, apoiados nos teóricos já citados, Marija Gimbutas, Joseph Campbell, Mircea Eliade, entre outros, essa presença constante de um elemento aquático (uterino) ou da Terra (também uterino) no ato da criação, se configura por uma herança da imagem da Deusa criadora do período paleolítico. E assentados, também, no discurso de que na maioria das narrativas míticas, não tardias, o princípio gerador era feminino ou um casal sagrado. O interessante é notar que a própria bruxa moderna Laurie Cabot faz várias citações de Eliade e Campbell em seu livro *O Poder da Bruxa*, corroborando ainda mais para a presente análise a qual afirma que o mito da wicca tem sua origem nos próprios discursos acadêmicos do século XX.

No mito da wicca transcrito acima, a imagem da Grande Mãe foi relatada como constituída – ou fazendo parte – de um oceano primordial, no qual, do seu movimento de polarização, o masculino emerge de suas águas. O Deus é tido, em grande parte das tradições wiccanas, como o Sol, irmão da Lua, filho /consorte da Deusa e fertilizador da vida na Terra, da mesma forma como os vários *mitemas* citados acima, nas quais o oceano primordial feminino (ou uma mãe Terra) dá origem a um Deus sol ou celeste (Rá, Ptah, Urano, etc.).

Na narrativa publicada por Starhawk, a primeira versão do Deus, que surge da

⁶ Essas versões dos mitos egípcios foram retiradas da obra “As fabulosas histórias dos deuses do Egito” de Dominique Joly e Raphael Gauthier da Companhia Editora Nacional.

masculinização de Miria, é o deus Azul, compatível com o simbolismo celeste. As faces de Green-man, o deus verde, e de Cernunnos, o deus cornífero caçador, estão associadas à natureza terrestre, ou seja, ao crescimento dos grãos da colheita e da vida animal selvagem, respectivamente, dentre outras associações com a própria vida humana. Ele assume, nesse estágio, como relata Starhawk (1993), o título de rei dos animais, da vida verde e selvagem. O seu movimento de retorno, como dramatizado na narrativa, ao corpo da Deusa, que é o oceano primordial, mas também, a própria Mãe-terra, é a representação da colheita, do ceifamento e do plantio dos grãos, que voltam a terra e brotam novamente (morte e renascimento). É possível avaliar, dessa forma, os inúmeros *mitemas* de colheita, e sexuais e de fertilidade, presentes em vários mitos ancestrais, que foram incorporadas nessa narrativa wiccana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se afirmar que atualmente foi desenvolvida uma nova *genealogia mítica* êmica, dentro da wicca, na qual as antigas imagens das *Vênus Paleolíticas* foram tidas como as Deusas primordiais que deram origem a todos os panteões politeístas posteriores. As narrativas míticas estão sendo sempre criadas e renovadas nas sociedades atuais, pois elas refletem a necessidade humana de buscar explicações e representações para as situações que vivencia. Principalmente a necessidade de uma nova orientação para o sagrado com maior representatividade dos símbolos femininos nos mitos fundantes das religiões se faz presente em uma sociedade marcada por voz e representatividade de diversos grupos sociais.

Apesar da primazia dada a Deusa como primeira centelha de vida no mito wiccano, o princípio masculino e feminino na criação são mantidos e reverenciados em vários cultos pagãos contemporâneos. Todavia, para os wiccanos, foi importante entender essa historicidade de invasões e fusões culturais para ressignificar o simbolismo dessas grandes mães primordiais (como Tiamat, Gaia, Nun, Danu, Neit, entre outras) que foram tidas como forças ameaçadoras por muitos milênios. O discurso historiográfico, as análises mitológicas e estudos diversos trazem um horizonte de confiabilidade e veracidade às narrativas desenvolvidas na bruxaria moderna. Os praticantes dessa religião tentam reestruturar um culto às figuras femininas encontradas na Antiga Europa, atribuindo a seus consortes masculinos, o papel de fertilizadores e cooperadores na criação e não mais como heróis e civilizadores que deviam derrotar algum tipo de força *maléfica* anterior.

Reinterpretando, na wicca, o papel de todas essas gerações de Deuses e os re-delineando como partes do corpo da Deusa e seu Consorte. Essa atitude traz, segundo os adeptos da religião wicca, uma nova valorização da vida, da natureza, do corpo humano, dos seus processos biológicos, forças criativas sexuais, dos instintos diversos, entre outros. Pois, segundo o discurso destes, essa postura ressignifica a vida na terra, não mais como

um lugar de sofrimento e do qual se deva escapar, mas sim como uma dádiva, repleta de processos sagrados em seus ciclos. Nas palavras da própria Starhawk, a terra é um lugar que, apesar dos problemas que possa mostrar na vida social, causa uma sensação de *maravilhamento* e encantamento. Nesse processo, o papel da mulher é altamente valorizado, junto ao do homem, como representantes das forças criativas do universo. Encarnam ambos, forças sagradas em seus próprios corpos, bem como sua comunhão com todo meio natural circundante.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, Karina Oliveira. *Wicca no Brasil. Magia, Adesão e Permanência*. São Paulo: Fonte Editorial, 2017.

CABOT, Laurie. *O poder da bruxa: a terra, a lua e o caminho mágico feminino*. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

CAMPBELL, Joseph. A dádiva da Deusa. In: CAMPBELL, Joseph. *O poder no mito*. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CAMPBELL, Joseph. *Deusas: os mistérios do divino feminino*. Tradução Tônia Van Acker. São Paulo: Palas Athena, 2015.

ELIADE, Mircea. A SACRALIDADE DA NATUREZA E A RELIGIÃO CÓSMICA. In: ELIADE, Mircea. *Sagrado e o profano. A essência das religiões*. Tradução Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

HIGWATER, Jamake. *Mito e Sexualidade*. Tradução João Alves dos Santos. São Paulo: Saraiva, 1992.

OLIVEIRA, Rosalira. Em nome da Mãe: o arquétipo da Deusa e sua manifestação nos dias atuais. In: *Revista Ártemis*, Paraíba, vol. 3, dez, p. 1-16, 2005.

STARHAWK. *A dança cósmica das feiticeiras: guia de rituais a Grande Deusa*. Tradução Ann Mary Figueira Perpétuo, Rio de Janeiro: Record: Nova Era, 1993.

LÉVI-STRAUSS, Claude. A estrutura dos mitos. In: LÉVI-STRAUSS, Claude. *A antropologia estrutural*. 2ª edição. Tradução Chaim Samuel Katz e Eginardo Pires. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1985.

THOMAZ, Angélica Tostes. ASHERAH, A AUSÊNCIA ERÓTICA DE DEUS. In: *Revista Mandrágora*, São Paulo, v.24, n. 1, p. 59-76, 2018.